

**“Sarney sempre incentivou a grilagem” (Freitas Diniz)**



**Venderam-se mais de 5 mil títulos equivalentes a 600 mil ha**

# Sarney incentivou latifúndios no Maranhão

■ Na primeira gestão como governador biônico, indicado pela ditadura, ele baixou lei que beneficiou pessoas ligadas ao poder

SANTA LUZIA, MA — O estado do Maranhão possui uma das maiores concentrações de latifúndios do país. Há grupos econômicos que detêm a propriedade ou o direito de exploração de fazendas com até 72 mil hectares. O ex-deputado Domingos Freitas Diniz, um dos mais ácidos críticos do ex-presidente José Sarney, afirma que quando ele tomou posse, nomeado pelo governo militar, o estado tinha dois terços de sua área como terras devolutas: não pertenciam nem a particulares, nem estavam demarcadas e tituladas pelo estado. “Hoje praticamente não há terras fora do patrimônio de grandes fazendeiros e grupos econômicos, e a culpa é de Sarney, que sempre incentivou a grilagem”, diz Freitas Diniz.

A argumentação do ex-deputado — que por ter criticado Sarney foi processado por ele nos anos 70 e depois não conseguiu se reeleger — foi referendada em 1979 pela Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Fundiário, instalada pelo PMDB e pela Arena, em pleno regime militar, para analisar os enormes conflitos de terras que já existiam no país. O relatório final da CPI conclui que a primeira política agrária do Maranhão foi bem intencionada. Em 1959, o governador Mattos Carvalho assinou a Lei 1.807. O Artigo 20 dizia: “Para a venda de terras devolutas, por deliberação do governo, tendo em vista a planificação da Secretaria de Agricultura, é exigida concorrência pública, com ampla publicidade”.

**Revogação** — Em 17 de julho de 1969, na fase final de seu governo, Sarney revogou a lei antiga, baixando uma nova que dizia: “As terras do estado que não tiverem destinação especial poderão ser alienadas ou concedidas em caráter oneroso mediante requerimento do interessado ou oferecimento em concorrência ou hasta pública”.

O relatório final da CPI do Sistema Fundiário descobriu que não havia dados que comprovassem a ocorrência de terras oferecidas em hasta pública, embora existissem milhares de títulos entregues a “interessados”, geralmente pessoas ligadas ao poder. “O que se constata, conforme documentação encaminhada a esta CPI, é a transferência ou venda de mais de 5 mil títulos de propriedade, num total que excede a 600 mil hectares, obedecendo à sistemática da discriminação administrativa prevista no mencionado dispositivo legal”. A política de terras criada por Sarney foi revogada quase 12 anos depois pelo governador Luís Rocha, voltando a exigência de ampla publicidade. “Aí já era tarde”, afirma Freitas Diniz. “Todas as terras boas do Maranhão já estavam em poder dos interessados”.

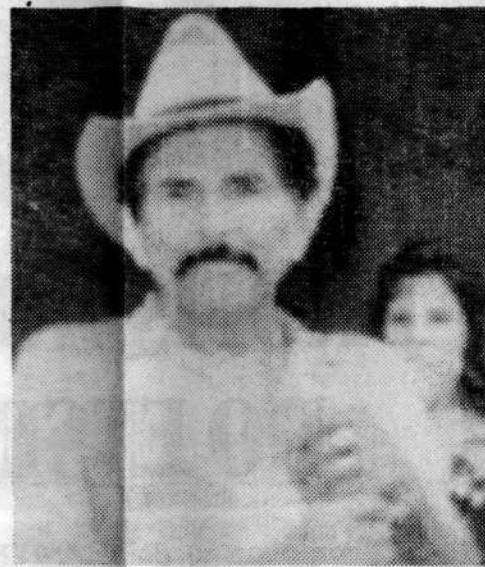
VICENTE SOUZA LIMA

## “Precisou ele me perseguir para eu aprender”

“Sarney foi meu professor. Meu pai me deu muita palmada e puxavante de orelha para eu acertar na vida, mas precisou o senador me perseguir, mandar me prender, para eu aprender a não ter medo de polícia nem de Justiça”, afirma Vicente Hermínio de Souza Lima, que no pico dos conflitos com Sarney chegou a ser preso ilegalmente pelo delegado Luís Moura, uma espécie de delegado Fleury a serviço dos grandes fazendeiros. “Ele só falava em me matar. Dizia para os outros policiais: ‘Esse nós vamos fritar agora, quem mandou ele bulir com gente grande?’”

Luís Moura atualmente está preso, com a mulher e dois filhos, os quatro condenados pelo assassinado do prefeito de Lago da Pedra, há dois anos. Vicente escapou, ganhou fama de homem com *corpo fechado* e hoje tem vida sossegada: sua maior preocupação é cuidar dos 120 hectares que sobraram para ele e quatro de seus 9 filhos depois que Sarney largou os sonhos de ser fazendeiro e as terras foram divididas entre os posseiros, alguns na região desde 1952.

Vicente chegou ao povoado em 1966, de Nova Russas, Ceará, com a mulher e três filhos. Não tinha experiência sindical, mas os constantes conflitos com a família de José Ribeiro Salomão, o primeiro grileiro, e depois com o senador José Sarney, o empurraram para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia. Durante o tempo em que foi do Conselho Fiscal, diz que viu a morte de dois diretores da entidade, a mando de fazendeiros: “Mataram os dois em menos de 20 dias. Matavam e deixavam na rua para exemplo. Tinha época em que um galpão em frente ao sindicato virava hotel de pistoleiro”.



Santa Luzia, AM — Alaor Filho

Rijo em seus 67 anos, Vicente conta que assumiu a liderança dos posseiros da Maguary em 72, muito antes de Sarney aparecer dizendo que as terras eram dele. Os lavradores assinaram um acordo: “Ele nunca cumpriu. Os tratores que mandou estragavam as plantações, o gado destroçava os roçados.” Sarney tinha razão num ponto: a briga deixou de ser disputa de terras para se tornar questão política quando os agricultores foram procurados por Fernando Bastos, assessor do governador Nunes Freire.

“Foi em 1977. A gente decidiu que era hora de botar fora nossa força. Reuni 60 posseiros e passamos um noite inteira derrubando os mourões e os arames que ele espalhou. Derrubamos 13 quilômetros de cerca e matamos 20 cabeças de gado. Naquele tempo a gente era besta e nem comia o gado, só matava.”

A última notícia que Vicente diz ter de Sarney, relacionada com os conflitos na Maguary, foi em 1987, quando o então governador Eptácio Cafeteira começou a entregar títulos de assentamento às 120 famílias do lugar: “Zé Sarney tinha feito as pazes com Cafeteira e até estava apoiando a distribuição das terras. Mas aí ele já era presidente da República e estava com a corda no pescoço.”